



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

A presentificação das catástrofes e as paisagens devastadas da exclusão nuclear no nexo da arte japonesa pós-Fukushima

Autoria: Ryanddre Sampaio de Souza (UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso)

O presente work alicerça-se na análise da relação arte-catástrofe, tão evidente no nexo da arte japonesa sobretudo no contexto social do país após o desastre nuclear de Fukushima em março de 2011. Através da crise, a potência devastadora da catástrofe e suas conseqüentes possibilidades de reconstruir ou reinterpretar as paisagens devastadas pela experiência humana representaram profundas transformações estéticas, políticas e sociais no Japão. Dar-se-á ênfase à produção do coletivo Chim ↑ Pom, em especial a exposição 'Don't Follow the Wind?', montada em 2015 dentro das zonas de exclusão nuclear de Fukushima. Pensada enquanto contradiscurso que não visa representar a destruição, mas presentificar a catástrofe evidenciando as desconexões da vida social causadas por ela, iniciativas como esta nos possibilitam refletir sobre formas de sobreviver às crises do Antropoceno e desestabilizar noções tais como arte, natureza e paisagem sobretudo compreendendo as sobreposições de histórias e agências que estão presentes no suposto vazio radioativo considerando que, segundo Tsing et. al (2017), toda paisagem devastada é assombrada por modos de vida passados. Assim, a arte japonesa pós-Fukushima aponta para possibilidades agentivas contra-hegemônicas, humanas e não-humanas, que fazem frente aos discursos autorizados do governo e suas conseqüências cosmopolíticas para pensar um mundo de possíveis e um futuro pós-nuclear



Reunião Brasileira de Antropologia

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

menos violento.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: